



POLITIZAR A SI PARA POLITIZAR COM O MUNDO: CONHECIMENTO E CONSCIÊNCIA NA PEDAGOGIA LIBERTADORA

Lucas Martins de Avelar¹ – Café com Paulo Freire Goiânia

Maria Teresinha Verle Kaefer² – Rede Internacional Café com Paulo Freire

RESUMO: Este ensaio objetiva discutir a necessidade de politização dos sujeitos a partir da coletividade de constituição dos conhecimentos. O texto recorre metodologicamente à pesquisa teórica e bibliográfica dos escritos de Paulo Freire e estudiosos de sua obra. São mobilizadas as influências epistemológicas na formulação da Pedagogia Libertadora, com vista a compreender o modo como o autor sistematiza sua visão da natureza das relações humanas com o conhecimento e a consciência. Como resultados, explicita-se que, na perspectiva freiriana, a formação só faz sentido se dialeticamente politizadora, comprometida com processos de ensino e aprendizagem que possibilitem outras leituras de mundo, a ampliação das significações e, sobretudo, a práxis criadora.

PALAVRAS-CHAVE: Politicidade. Conscientização. Relações com o conhecimento.

Introdução

Na teoria e na prática, Paulo Freire tem uma visceral incompatibilidade com esquemas, principalmente burocráticos. Tanto sua forma de agir quanto de se expressar refletem uma certa rebeldia em relação a paradigmas rígidos. Seu comportamento não se submete a modelos burocráticos e políticos. Sua linguagem não segue os padrões hegemônicos da academia. Para a expressão linguística que abusa do pedantismo e da erudição com a intenção de ser reconhecida cientificamente, Paulo Freire não faz concessão. (GADOTTI, 2006, p. 4).

É impossível pensar em concepção pedagógica no Brasil sem ter em conta o nome de Paulo Freire. Além de patrono da educação brasileira, o pernambucano é conhecido por ter formulado um sistema teórico novo, influenciado por diferentes perspectivas (GADOTTI, 2001; MENDONÇA, 2008).

Mais que uma teoria, como afirma a passagem com a qual iniciamos este texto, o autor formulou seu caminho de reflexão-ação sobre a realidade. Uma realidade que,

¹ Doutor e Mestre em Educação e Ciências e Matemática pela Universidade Federal de Goiás (UFG). Licenciado em Ciências Biológicas pela UFG. Professor da Rede Estadual de Educação de Goiás. Membro do Fórum Goiano de Educação de Jovens e Adultos. E-mail: lucasmavelar@gmail.com

² Mestra em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Licenciada em Pedagogia pela Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (Unijuí). Professora aposentada do Instituto Federal Farroupilha (IFFAR). Membro da Curadoria Internacional da Rede Café com Paulo Freire. E-mail: mtksbg@gmail.com



por ser objetiva, dialética, não aceita amarras formalistas. Ser freireano é, pois, negar a rigidez imobilista em favor da rebeldia epistemológica, da assunção política mediatizada pelos processos educativos.

Como afirma Giovedi (2019), a marca que atravessa toda a obra freiriana é justamente a sua politicidade. Assumir Freire como referencial é, portanto, assumir-se politicamente. Mesmo que suas obras sejam de fácil acesso, por ser um autor nacional e ter um estilo oralizado de escrita, as ideias freirianas são carregadas de uma densidade teórica pouco comum.

Enquanto escrevemos este texto, estamos em um momento de retomada e (re)afirmação política de Paulo Freire no Brasil. O contexto obscurantista e ultraconservador pelo qual o país passou e tem passado nos últimos anos, tem colocado desafios de natureza político-pedagógica para aqueles e aquelas que lutam pela Educação como direito.

As ideias de Freire têm sido atacadas, mas as tentativas de apagar o seu legado não têm triunfado, muito em função de um contingente de professores, pesquisadores, movimentos sociais e trabalhadores que se vinculam a suas concepções e as difundem em um conjunto de ações de luta contra hegemônica. Defender Paulo Freire em tempos sombrios como o pelo qual estamos passando é, nesse sentido, *colocar-se no campo de batalha política pela humanidade*.

Assim, compreendemos ser preciso entender as ideias freirianas na radicalidade, ou seja, na raiz de suas formulações. Analisamos que, em função do caráter transformador e comprometido com a classe trabalhadora de sua proposta, a apropriação de seus pressupostos não pode ocorrer descolada de visões de mundo e humanidade politicamente assumidas.

Ao considerar tais elementos, o objetivo deste ensaio é discutir as influências epistemológicas na produção de Freire e sua concepção de consciência, para compreender o significado dialético que a politização defendida pelo autor assume. Faremos isso, especialmente voltados às suas implicações para o contexto das relações de ensino e aprendizagem, por entendê-las como mediação capaz de promover o desenvolvimento da assunção política dos sujeitos.

Para tanto, o texto foi dividido em cinco partes. Esta introdução apresenta e problematiza o tema. Em seguida, são debatidas as principais fontes epistêmicas que deram corpo as elaborações de Paulo Freire. Na sequência, discutimos a formação



da consciência e o movimento de conscientização de acordo com o autor. A quarta parte se dedica a sintetizar as implicações político-pedagógicas envolvidas na dialeticidade das relações com os conhecimentos. Por fim, realizamos a defesa por uma leitura eminentemente política da obra freiriana, sem perder de vista o entrelaçamento entre consciência, politicidade e os processos de ensinar e aprender.

Influências epistemológicas na produção da teoria de Paulo Freire: uma compreensão ampliada acerca do conhecimento

De início, pensamos ser necessário posicionar Freire em um contexto mais amplo. Suas formulações, produzidas com mais volume a partir do fim da década de 1960, inserem-se em um movimento contra hegemônico de teorias críticas, cujo compromisso se voltou para a construção de novas bases educacionais pautadas no recorte de classe (SAVIANI, 2007).

Também de início, expomos a compreensão que adotamos quanto às filiações teórico-epistemológicas freirianas. Faremos o exercício de defender, no curso deste texto, o entendimento de que Paulo Freire não possui uma pedagogia marxista, fenomenológico-existencial ou personalista cristã. O autor realizou, na verdade, uma *nova síntese teórica*, a qual contém em si influências de todas as correntes ora citadas. Influenciado por diferentes concepções criou, portanto, a sua (GADOTTI, 2001; 2005; MENDONÇA, 2008).

Segundo Giovedi (2019), o autor tem uma compreensão dialética da realidade. Em Freire, esta última existe objetivamente, mas o ser humano não só está no mundo, como também está com ele. Por estar com o mundo, as pessoas o significam, vivenciam, criam e recriam com base em sua intencionalidade consciente. A existência humana também é produtora do mundo, o seu agir e pensar, bem como as suas possibilidades de ação-reflexão (práxis), são elementos intimamente relacionados com o modo com que os sujeitos se inserem nele e com ele. Esses elementos explicitam a presença de influências marxistas no pensamento do autor.

No livro *Convite à leitura de Paulo Freire*, Moacir Gadotti (2001) assinala o caráter sintético e criativo da obra freiriana. O autor assinala que Paulo Freire elaborou seu pensamento a partir de diferentes influências. Sobre esse aspecto ele afirma que:

Contudo, não se pode dizer, a partir daí, que Paulo Freire seja eclético. Ele integra elementos fundamentais dessas doutrinas filosóficas sem



repeti-las mecânica ou sectariamente. A associação entre o humanismo e o marxismo, entre temas cristãos e temas marxistas, enriquece seus textos e faz com eles sejam lidos por um público muito numeroso. Seu pensamento representa a síntese de fontes diferentes, o que coloca, para o leitor iniciante, o problema de apreendê-lo de forma global (GADOTTI, 2001, p. 116-117).

Dessa forma, pôde-se dizer que a Pedagogia Libertadora apresenta uma pluralidade de referências teóricas que ganham em seu interior uma articulação que se desdobra no novo. Não significa de modo algum que Freire tenha realizado um “recorta e cola” nos moldes dos ecletismos teóricos desavisados epistemologicamente. Pelo contrário, o autor apresenta plena consciência filosófica de que ao tomar como mote os problemas da realidade social brasileira e da América Latina, era necessário assumir uma posição humanista, a qual se expressa na sua “ousadia epistemológica” (STRECK; REDIN; ZITKOSKI, 2008). Gadotti (2001) e Mendonça (2008) assinalam três vertentes que podem ser explicitamente percebidas na obra de Freire: o existencialismo, o marxismo e o personalismo-cristão³

A fenomenologia existencial encontra-se presente no pressuposto freiriano da existência humana no e com o mundo. O com o mundo traz a tônica de que as pessoas podem se perceber como inacabadas, e compreendendo suas possibilidades de serem cada vez mais do que aquilo que estão sendo, podem superar as suas condições existenciais em vista do novo. Resulta daí a função precípua da educação, qual seja: proporcionar o desvelamento das situações em que os sujeitos se encontram e levar a intencionalidade da consciência em direção à crítica dessa realidade (GADOTTI, 2001; MENDONÇA, 2008).

O personalismo-cristão se expressa na crença que Freire deposita na humanidade. Categorias como esperar, amorosidade, alegria e boniteza dão conta da defesa que o autor faz pela transformação da realidade por meio de um mergulho estético e ético em sua compreensão. Em outras palavras, o autor assinala a todo o momento que os seres humanos podem ir além daquilo que estão sendo no momento, mas esse ir além deve ser marcado pela ação-reflexão, pela práxis que não exime as pessoas de estarem em comunhão umas com as outras e com o mundo. É a serviço

³ Moacir Gadotti afirma que Freire teve grande influência de Emmanuel Mounier, um “filósofo francês de orientação cristã que buscou manter o diálogo entre ateus e comunistas. Fundou uma doutrina ético política chamada personalismo, que afirmava o valor da pessoa acima de qualquer outro. O personalismo diferencia-se do individualismo, que enfraquece o valor da solidariedade, e se distancia do coletivismo, que coloca acima de tudo o interesse da coletividade” (Gadotti, 2001, p. 115-116).



da mudança, da crítica e da emancipação humana que Freire incorpora a crença cristã na humanidade a sua pedagogia. Nesse sentido, não se pode dizer de modo algum que o autor foi ingênuo ao realizar essas sínteses teórico-filosóficas (MENDONÇA, 2008).

Conforme Mendonça (2008), a influência marxista encontra-se nas categorias que Freire utiliza para referir-se à existência objetiva da realidade e seu movimento, como a historicidade, práxis, contradição e a dialética. O autor assinala, por exemplo, a necessidade de que os oprimidos superem a contradição impressa no desejo de se tornarem opressores. Compreende que ser humano-mundo, docente-discente, são pares dialéticos indissociáveis.

Afirma ao longo de toda a sua produção que as pessoas são seres de reflexão-ação, de práxis e nesse sentido, se constituem no “ser mais” à medida que transformam a realidade (MENDONÇA, 2008). Em sua última entrevista, dada em 17 de abril de 1997, Freire afirma que encontrou em Marx a fundamentação objetiva para continuar camarada de Jesus Cristo (FREIRE, 1997). Essa asserção indica a plena consciência do autor das correntes nas quais se inspirava.

Nesse sentido, Gadotti (2005) aponta que se fossemos tentar classificar o pensamento freiriano, poderíamos dizer que ele é coerentemente humanista, posto que se propõe a criar seu próprio conjunto de elaborações teóricas em diálogo com diferentes vertentes, sem perder de vista, em seu núcleo, a defesa pela *transformação da humanidade*. Assim, analisamos que, ao criar sua própria compreensão acerca da realidade e da práxis na/com ela, Freire também amplia as possibilidades do entendimento das relações humanas com o conhecimento e a formação da consciência.

A concepção freireana de consciência

Ao considerar a intencionalidade da consciência como elemento característico do ser humano, Paulo Freire não está assumindo uma posição idealista frente a realidade. Isso, porque essa intencionalidade, sob o entendimento de Freire, se dá condicionada por um mundo objetivo, marcado pelas suas multideterminações e relações complexas. Ela se dá em contextos que são concretamente vividos, na existencialidade humana. O autor tem a dialética como princípio, portanto, nada à sua luz ocorre de maneira unilateral, formalista. Não há homem sem mundo, docência sem



discência, ensino sem aprendizagem, diálogo sem antidiálogo e todos os vice-versa que essas relações implicam (GIOVEDI, 2019).

Em *Educação como prática da liberdade*, Freire (2020a) analisa a sociedade brasileira em transição. Ele parte de uma caracterização da dinâmica societária, anterior à Proclamação da República, para identificar os aspectos que evidenciaram a inexperiência democrática de nosso país. À época da publicação do livro, em 1965, o Brasil já vivia a ditadura militar, e Freire encontrava-se exilado no Chile. No texto, o autor não é indiferente ao golpe, pelo contrário, o toma como uma das consequências históricas do aborto a um processo de transição que o povo vivenciava após séculos do que ele chama de sociedade fechada.

O conceito central para compreender a análise realizada pelo pernambucano é o de consciência transitiva. Freire (2020a) se vale da caracterização intransitividade e transitividade para se referir a possíveis mudanças na consciência dos sujeitos, de ingênua à crítica. A consciência intransitiva é uma qualidade das sociedades fechadas. Nesse tipo de organização social, as pessoas voltam-se mais para a satisfação de sua subsistência.

Conforme Freire (2020a), nesse estado, as apropriações; o ser no mundo e com o mundo se restringe ao externo. A rigidez das sociedades fechadas faz com que as pessoas se acomodem e se moldem para caber nos contornos delas. Os indivíduos não são sujeitos, mas sim objetos, se coisificam.

Elite e povo não comungam entre si. Freire é poético ao afirmar que nesse estado, as massas encontram-se imersas, alienadas, são dirigidas e focadas “em torno das formas mais vegetativas de vida” (FREIRE, 2020a, p.81). Quer dizer que as pessoas não conseguem ir além do biológico, estão momentaneamente impossibilitadas de apreender as problemáticas de sua existência. Digo momentaneamente, pois não sendo seres passivos, e sim abertos, são confrontadas pelas questões de seu tempo. Podem, portanto, alargar suas relações com a realidade, o modo como veem a si, aos outros e ao entorno.

Segundo Freire (2020a), quando isso acontece, significa que a consciência entrou em trânsito, tornou-se transitiva, pôs-se em movimento. Essa transitividade, entretanto, não representa a chancela da criticidade. Pelo contrário, de início ela se mostra ingênua, incapaz de oferecer soluções mais elaboradas e sistematizadas às interrogações que a ela se apresentam.



A transitividade ingênua é aquela na qual a visão do contexto ainda contém traços de intransitividade. Há um entendimento pouco complexo das questões contextuais em que a pessoa se encontra. Representa sim um avanço em relação a intransitividade, posto que se abrem novos horizontes. Contudo, mantém-se o que Freire chama de teor mágico, explicações imbuídas de fantasia (FREIRE, 2020a).

O autor sinaliza que essa consciência transitiva ingênua pode ser deturpada e transformada em fanática. O fanatismo decorre da massificação e representa a incapacidade em avançar da transitividade ingênua para a crítica. É a consciência que se distorce em razão do descomedimento emocional. A emoção toma o comando e faz com que a pessoa fique ainda mais cega para o mundo do que o era quando em estado de intransitividade. Nesta última, o indivíduo tinha o poder de compreender as causas das coisas. No fanatismo isso muda, mas a captação torna-se embebida de irracionalidade. É a consciência produzida pela massificação, na qual as pessoas são conduzidas por terceiros (FREIRE, 2020a).

Por outro lado, segundo Freire (2020a), a consciência transitiva crítica é caracterizada pela capacidade de compreender com maior profundidade as problemáticas. É a consciência democrática, marcada pelo diálogo, em que as explicações fantasiosas e mágicas dão lugar às interpretações analíticas. O sujeito passa a indagar com comprometimento político e social. Nesse estado a pessoa passa a assumir posição questionadora, receptiva e altamente envolvida com a democracia.

Essa transitividade da consciência é, para Freire, resultante das viabilidades criadas pelo desenvolvimento histórico das sociedades. Ela se produz como movimento dialético, de incorporação por superação, em espiral, tal como ilustra a Figura 1:

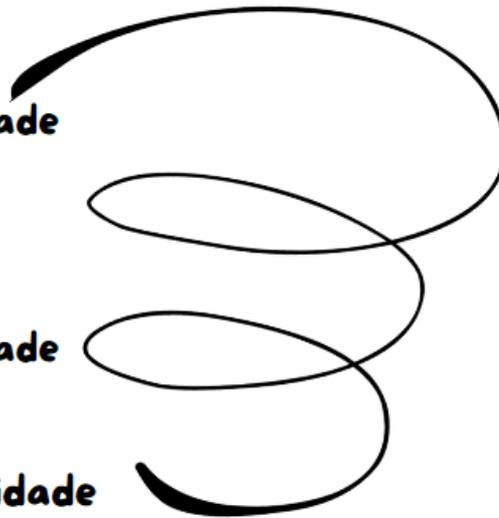
Figura 1 – Esquema de transitividade da consciência.



**Transitividade
crítica**

**Transitividade
ingênua**

Intransitividade



Fonte: Elaboração dos autores.

Como assinala a figura, o trânsito da consciência perpassa inerentemente os processos de complexificação do real. O aumento na complexidade das relações entre si e com a realidade, como a urbanização e as novas tarefas surgidas nos diferentes momentos históricos são fatores que teriam contribuído e contribuem com a transitividade. Esse apontamento sinaliza e atesta a posição não idealista defendida pelo autor, posto que as condições objetivas da realidade são sim consideradas (FREIRE, 2020a).

Defendemos que, em Paulo Freire, o conceito de consciência tem uma abordagem essencialmente epistemológica, ou seja, trata-se em primeiro plano, do nível de conhecimento que os indivíduos possuem do mundo em que vivem, da qualidade desses saberes. Por qualidade, nos referimos não à valoração de melhor ou pior tipo de conhecimento, até porque para Freire não há essa hierarquização.

Qualidade nesse sentido vem de qualitativo, devido à capacidade da consciência de transitar por diferentes estados de possível apreensão da realidade. Refere-se, em concomitância, ao grau de intencionalidade que essa consciência dirige aos objetos que pretende conhecer, conhecimento que se dá no e com o mundo, em sua existencialidade (FREIRE, 2020a; 2020b; 2020e).

Esse fato é tema recorrente nas obras freirianas e encontra-se sistematizado em livros como *Educação e Mudança*, por exemplo. Neste, Freire (2020b) apresenta os atributos das consciências ingênua e crítica, muitos dos quais já foram aqui elencados. A primeira, tende aceitar a massificação, possui notas de simplicidade



apressada nas respostas dadas aos problemas da realidade; tem dificuldades em enxergar o movimento do real; apresenta um saudosismo em relação às formas de organização social de gerações passadas. A segunda, em contrapartida, não crê em qualquer coisa; investiga; considera o mundo em movimento; toma para si a responsabilidade que lhe é de direito; sabe-se autêntica tendo em vista que é, não parece ser.

Na visão de Freire, o conceito contém em si, além do marxismo, influências de outras correntes epistêmicas que atravessam toda a produção do autor, como a fenomenologia existencial. Ele deixa isso explícito na seguinte passagem:

A educação que se impõe aos que verdadeiramente se comprometem com a libertação não pode fundar-se numa compreensão dos homens como seres vazios a quem o mundo “encha” de conteúdos; não pode basear-se numa consciência especializada, mecanicistamente compartimentada, mas nos homens como “corpos conscientes” e na consciência como consciência intencionada ao mundo. Não pode ser a do depósito de conteúdos, mas a da problematização dos homens em suas relações com o mundo (FREIRE, 2020e, p.69).

Como se vê, há explicitamente a referência ao caráter intencional da consciência. Esse entendimento radica na fenomenologia, segundo a qual a consciência sempre é consciência de algo, dirigida a alguma coisa que é experienciada. Fala-se em ato cognoscente voltado ao mundo e com o mundo, o que revela a posição existencialista que perpassa essa compreensão.

Assim, o conceito de consciência e sua formação em Paulo Freire, radica em um conjunto de movimentos de ação-reflexão, logo, práticos, decorrentes de processos de ensino e aprendizagem ocorridos no seio das significações sociais realizadas pelos sujeitos. Com todas as suas influências epistemológicas, defendemos que o autor empreendeu uma verdadeira articulação político-pedagógica dos vínculos humanos com os conhecimentos e a sua materialização no campo da ação coletiva, intencional, de qualidade socialmente referenciada.

Sua análise da conscientização “em trânsito”, evidencia, pois, que é através do entendimento de si e das questões histórico-sociais de seu tempo, que as pessoas podem desenvolver formas de resistência e resolução de questões. Conhecendo a si e em comunhão com o outro, criam-se as possibilidades de realização do inédito viável, que, por ser justamente viável, não pode prescindir da consciência.



Para nos comprometermos politicamente com a humanidade é preciso politizar a si! Para politizar a si é preciso estar COM o mundo, ensinando e aprendendo!

A partir do que já discutimos neste texto, é lícito afirmar que Freire nos recorda a todo tempo do caráter intencional e político dos processos educativos. Sendo eles pautados pela ética e pela tomada de posição em relação ao mundo e com ele, não podem se dar aquém da condição existencial dos indivíduos. Portanto, também o papel docente assume, em uma educação libertadora, o compromisso ético com a formação, marcado tanto pelo pensar quanto pelo agir certo, ou seja, o educador-educando deve testemunhar o que diz, sob a pena de cair em um blá blá blá vazio e incoerente, caso não se assuma enquanto sujeito da práxis (FREIRE, 2020d; 2021).

Paulo Freire é um pensador comprometido com a humanidade e com a busca pelo ser mais. Por essa razão, não é possível compreender as ideias do autor sem que se tenha no horizonte que o mundo não é, ele está sendo. As pessoas que estão nele e com ele não podem, portanto, se eximir de tomar partido.

Para Freire o ser mais chama os sujeitos a decidirem, a realizarem intervenções na realidade. Por isso a educação não pode ser neutra, haja vista a própria condição existencial humana que é por si, política (FREIRE, 2020d; 2021). Escreve o autor:

Ninguém pode estar no mundo, com o mundo e com os outros de forma neutra. Não posso estar no mundo de luvas nas mãos constatando apenas. A acomodação em mim é apenas caminho para inserção, que implica decisão, escolha, intervenção na realidade. Há perguntas a serem feitas insistentemente por todos nós e que nos fazem ver a impossibilidade de estudar por estudar (FREIRE, 2020d, p.75, grifos do autor).

Quer dizer, então, que agir sobre a realidade demanda compreendê-la criticamente. Essa compreensão crítica, por sua vez, consubstancia o agir. É necessário analisar a que grupos e a que concepções de mundo e organização societária nossas atividades servem. A mudança é possível, e Freire (2000; 2011; 2020a; 2020b; 2020c; 2020d; 2020e; 2021) não é omissa em relação a essas possibilidades. Ele coloca em evidência o entrelaçamento das dimensões pedagógica e política. Se educar pressupõe intencionalidades formativas, estas só podem se dar a partir da politicidade assumida em seu favor.

Giovedi (2019) sinaliza que a concepção educacional de Freire não vê o pedagógico descolado do político, sendo, portanto, uma teoria que “assume a sua



politicidade, característica essa que é imanente a qualquer teoria, ainda que não é qualquer teoria que assume essa sua natureza” (GIOVEDI, 2019, p.108). Assim, segundo Giovedi (2019), uma temática central da produção freiriana é o ser e estar sendo humano no mundo e com ele. Para o autor, Freire não era, de modo algum, um fatalista. O pernambucano considerava que os determinantes objetivos da realidade possuem caráter condicionante. Entretanto, como seres inacabados e inconclusos, os humanos são, em última instância, seres de transformações.

Pelo exposto, a assunção política dos sujeitos passa, necessariamente pela mudança da qualidade de sua leitura de mundo e, precisamente, pelo ensinar e aprender. Como assinala Freire (2020d; 2020e), atravessados por sua autenticidade e boniteza, quem ensina e quem aprende unem-se para pronunciar o mundo. Nesse movimento, as relações cognoscíveis são por ele (mundo) mediatizadas.

Entender esses nexos dialeticamente envolve a ideia de complexificação das relações com o conhecimento e entre si. Partimos, logo, da necessidade humana de ser político, de organizar-se socialmente. Por isso, não podemos apenas “estudar por estudar” tal qual se refere Freire na citação anterior. É nesse encadeamento, que se explicita a importância dos conhecimentos científicos acerca da realidade e da criticização como forma genuinamente política de ser, estar e agir no/com o mundo.

Aqui cabe fazer a defesa pelo entendimento de que sendo uma concepção dialética da realidade, Freire não considera polarizações do tipo conhecimento erudito x conhecimento popular, embora haja sim, a caracterização das possibilidades explicativas da realidade contidas em cada um deles. Entretanto, a escola enquanto espaço de socialização do conhecimento científico não pode ignorar o conhecimento “de saber feito” ou cotidiano trazido pelos sujeitos.

Essa consideração, contudo, passa pelo desvelar das multideterminações do real e pela criticização que instrumentaliza para a ação transformadora no mundo. Essa instrumentalização é atravessada pela necessidade da apropriação dos conhecimentos científicos, os quais por sua essência podem inclusive, ressignificar os conhecimentos cotidianos ora explicitados. Tal assertiva se justifica na consideração apresentada por Paulo Freire, de que a apreensão dos conhecimentos científicos um importante aspecto da transitividade consciente ingênua em direção à crítica.

Freire (2020d) expressa a importância dada ao conhecimento científico por sua concepção de educação libertadora, quando discute a curiosidade como uma das



exigências do ensino-aprendizagem. Segundo o autor a relação do ensinar e aprender necessita estar e ser epistemologicamente curiosa. Para ele, é preciso que a curiosidade se faça metódica, para que os objetos do conhecimento possam ser analisados com rigor.

Conforme Paulo Freire (2020d), a rigorosidade metódica é outra das exigências das práticas educacionais problematizadoras. Ela faz o papel de, no exercício da criticidade, possibilitar que as interferências na realidade se deem de forma organizada, compromissadas com o desvelar das situações existenciais concretas. Em Freire, ensino e aprendizagem são, ao mesmo tempo, produção e reprodução de conhecimentos. Nesse sentido, há a implicação de que os sujeitos conheçam os conhecimentos já produzidos, para que, conhecendo o mundo em que estão e com o qual estão, possam nele intervir.

Por isso, o autor indica que a pesquisa é um componente indispensável à posição indagadora assumida por aqueles e aquelas que estão em ensino e aprendizagem. Freire (2020d) pontua que quão mais rigorosamente metódica e em busca se põe a consciência das pessoas, tão logo ela transita da curiosidade ingênua à epistemológica. Como afirma o autor:

A curiosidade como inquietação indagadora, como inclinação ao desvelamento de algo, como pergunta verbalizada ou não, como procura de esclarecimento, como sinal de atenção que sugere alerta faz parte integrante do fenômeno vital. Não haveria criatividade sem a curiosidade que nos move e que nos põe pacientemente impacientes diante do mundo que não fizemos, acrescentando a ele algo que fazemos (FREIRE, 2020d, p. 33).

A curiosidade é, pois, uma adjetivação dada pelo pernambucano à consciência humana, que estando em trânsito, está igualmente interrogando. A curiosidade ingênua é espontaneísta, vem dos saberes de senso comum, os quais, como indica Freire (2020c; 2020d), devem ser respeitados. A curiosidade epistemológica, por sua vez, permite aos sujeitos aprofundar sua análise da realidade. Ela permite perceber o que antes não era percebido, e só é possível devido à criticidade ante o seu ser e estar no e com o mundo.

Desse modo, sendo curiosos, somos também criativos, à medida que constituímos conhecimentos. Sendo assim, “impacientes diante do mundo”, nos colocamos politicamente em relação com o outro, na busca constante pelo novo, indagando a partir de nossa objetividade subjetiva.



Nessa perspectiva, politizar a si é, entre outros aspectos, colocar-se em movimento de vir a ser. Para tanto, devemos lutar pelas condições objetivas que garantam o desenvolvimento da curiosidade epistemológica. Segundo Freire (2019, p. 79), “sem ela deteriora-se a prática educativa progressista”, fato que coloca acento sobre a urgência de que assumamos nosso compromisso com o desvelar das contradições da realidade, em vista de outros modos de relação com os conhecimentos e organização social.

Essa possibilidade destaca-se, entre outros momentos, pela via do ensino e da aprendizagem, como processos promotores da mudança de entendimento sobre a realidade. Faz-se assim, o caminho da distorção à significação crítica, ativa. Freire explica que:

Esta mudança de percepção, que se dá a partir da problematização de uma realidade concreta, no entrelaço de suas contradições, implica um novo enfrentamento do homem com sua realidade. Implica admirá-la em sua totalidade: vê-la de ‘dentro’ e, desse ‘interior’, separá-la em suas partes e voltar a admirá-la, ganhando, assim, uma visão mais crítica e profunda da sua situação na realidade que não condiciona. Implica uma ‘apropriação’ do contexto, uma inserção nele, um não ficar ‘aderido’ a ele; um não estar quase ‘sob’ o tempo, mas no tempo. Implica reconhecer-se homem. Homem que deve atuar, pensar, crescer, transformar e não adaptar-se fatalisticamente a uma realidade desumanizante. Implica, finalmente, o ímpeto de mudar para ser mais (FREIRE, 2020b, p. 80-81).

Assim, com os outros, em comunhão, havemos de estabelecer formas de conscientização que superem por incorporação a ingenuidade. Há, por conseguinte, a afirmação da politicidade à medida que nos colocamos em posição de enfrentamento e “ad-mi-ra-ção” frente às circunstâncias da realidade objetiva, suas relações, condicionantes.

Ao ensinar aprendendo e ao aprender ensinando, apropriamo-nos de outros modos de tensionamento dos mecanismos que sustentam a estrutura social desigual. Desvencilhamo-nos das amarras fatalistas, precisamente porque nos sabemos seres políticos, do mundo, que, mediatizados por ele, sabem-se produtores de si e da história.

Considerações para a prática educativa libertadora



Este ensaio objetivou discutir as influências epistemológicas e a conscientização na Pedagogia Libertadora, para assinalar indicativos para a prática pedagógica comprometida politicamente com a transformação da realidade. Os elementos ora apresentados, explicitam que essa possibilidade está assentada no caráter histórico da humanidade.

A historicidade traz consigo a implicação de que os processos educativos se constituam em um traço fundamental de nossa condição no mundo e com ele. Sob essa ótica, a educação é vista em suas múltiplas dimensões. Uma delas é a moral, que se configura na demanda surgida no seio das relações de ensino e aprendizagem, a qual indica que é preciso pensar certo.

Como sujeitos históricos que estão sendo, temos a tarefa de nos desenvolver de modo ético e estético. Em outras palavras, não sendo jamais neutra, a educação deve prestar-se à formação de consciências cada vez mais curiosas, com capacidade de desvelar as contradições e mazelas da realidade objetiva.

Mais que isso, sendo politicamente engajados, os processos de ensinar e aprender carecem de considerar a possibilidade e o direito dos indivíduos à mudança de suas convicções. Essa mudança precisa vir acompanhada da coerência de quem por ela se decidiu.

Quer dizer que, os sujeitos necessitam estar também dentro da ética, comprometidos com a efetiva formação humana, que por ser formativa, não se exime da moral. Mas se ensinar exige pensar certo, esse requisito se desdobra em outro de igual importância: o de que os educadores se façam exemplos.

Não se trata, nesse sentido, de qualquer exemplo, mas sim, da própria politicidade encarnada, na forma de diretividade cada vez mais consciente e mediatizada pelo mundo, pelas questões do tempo histórico. Politizar a si envolve, portanto, politizar-se com o outro, ensinando e aprendendo mediados pelo mundo e com o mundo.

Se a “leitura do mundo precede a leitura da palavra” (FREIRE, 1989, p. 9), quanto mais conscientemente política e compromissada com os esfarrapados e condenados da Terra, mais objetivamente intencional e molhada de práxis será a prática pedagógica. Assim, partir da consciência ingênua à crítica envolve necessariamente a assunção política verdadeiramente coletiva, *que se saiba libertadora porque se sabe utopicamente real.*



REFERÊNCIAS:

FREIRE, Paulo. **Ação cultural para a liberdade e outros escritos**. 14. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: três artigos que se completam**. São Paulo: Cortez, 1989.

FREIRE, Paulo. **À sombra desta Mangueira**. 12. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2019.

FREIRE, Paulo. **Educação como Prática da Liberdade**. 47. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2020a.

FREIRE, Paulo. **Educação e Mudança**. 42. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2020b.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 63. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2020c.

FREIRE, P. **Pedagogia da Esperança: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido**. 1. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2020d.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Indignação: cartas pedagógicas e outros escritos**. 1. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 73. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2020e.

FREIRE, Paulo. **Última entrevista dada por Paulo Freire**. Entrevistadora: Paula Burlamaqui, 1997. Disponível em: <https://youtu.be/4nLhuz1pAG4>. Acesso em 07. jun. 2023.

FREIRE, Paulo.; SHOR, Ira. **Medo e Ousadia: o cotidiano do professor**. 1. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021.

GADOTTI, Moacir. **Convite à leitura de Paulo Freire - Pensamento e Ação no Magistério**. São Paulo: Scipione, 2001.

GADOTTI, Moacir. **O Plantador do Futuro**. Viver Mente e Cérebro, Rio de Janeiro. v.4, p. 6-15, 2005.

GADOTTI, Moacir. **Paulo Freire: uma biografia**. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2006.

GIOVEDI, Valter Martins. **A concepção de ensino-aprendizagem de Paulo Freire: fundamentos teórico-filosóficos**. 1. ed. Curitiba: Brazil Publishing, 2019.

MENDONÇA, N. A. **Pedagogia da Humanização – A pedagogia humanista de Paulo Freire**. 1. ed. São Paulo: Paulus, 2008.



Pensar para transformar o mundo

cafecompaulofreire@gmail.com

SAVIANI, Dermeval. **História das Ideias Pedagógicas no Brasil**. 1. ed. Campinas: Editores Associados, 2007.

STRECK, Danilo.; REDIN, Euclides.; ZITKOSKI, Jaime José. Paulo Freire: uma breve cartografia intelectual. In: STRECK, Danilo.; REDIN, Euclides.; ZITKOSKI, Jaime José. (Orgs.). 2. ed. **Dicionário Paulo Freire**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010, p.15-22.